

**BARTOLOMEU DE LAS CASAS: A ARTE DA ORATÓRIA E A EDUCAÇÃO PELO EXEMPLO**

***BARTOLOMÉ DE LAS CASAS: EL ARTE DE LA ORATORIA Y LA EDUCACIÓN POR EL EJEMPLO***

***BARTOLOMEU DE LAS CASAS: THE ART OF RHETORIC AND EDUCATION BY EXAMPLE***

Christina Aparecida SANTOS<sup>1</sup>  
José Joaquim Pereira MELO<sup>2</sup>

**RESUMO:** O processo de conquista e de colonização da América, ocorrido entre os finais do século XV e o início do século XVI, foi marcado por conflitos entre o Velho e o Novo Mundo. Em meio às tensões, com a importante participação de Bartolomeu de Las Casas, buscava-se equalizar um modo educativo para conduzir a suposta civilização do nativo americano e sua catequização. Na proposta desse frei dominicano, o mestre pregador seria o responsável direto pelo processo de cristianização/formação, devendo, para desempenhar sua função, ter características bem específicas: boa oratória, vida exemplar, mansidão, amor e doçura. Em seu livro *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião* (1942), Las Casas elaborou uma espécie de manual com orientações pedagógicas para os freis da Ordem de São Domingos, fundamentando-se na concepção de que o nativo tinha racionalidade e, portanto, poderia ser cristianizado por meios pacíficos, o que era incompatível com as ações dos colonizadores. Neste artigo, o objetivo é analisar o modo como Las Casas entendia o trabalho do mestre pregador e as características que ele considerava necessárias para que este pudesse atender às novas necessidades, sobretudo, as da cristianização/formação e submissão do nativo americano naquele momento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bartolomeu de Las Casas. Mestre pregador. Nativo. Educação pelo exemplo.

**RESUMEN:** *El proceso de la conquista y de la colonización de América, ocurrido entre el final del siglo XV y el inicio del siglo XVI, fue marcado por conflictos entre el Viejo y el Nuevo Mundo. En medio a las tensiones, con la importante participación de Bartolomé de las Casas, se buscó equalizar un modo educativo para conducir la supuesta civilización del nativo americano y su catequización. En la propuesta de este fray dominicano, el maestro pregonero sería el responsable directo por el proceso de cristianización/formación, y debiera, para desempeñar su función, tener las características muy específicas: buena oratoria, vida ejemplar, mansedumbre, amor y dulzura. En su libro *El único modo de atraer a todos los pueblos a la verdadera religión* (1550, 1942), Las Casas elaboró una especie de*

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR – Brasil. Professora no Departamento de Ciências. Doutora em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4746-166X>. E-mail: [christinaas20@gmail.com](mailto:christinaas20@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR – Brasil. Professor no Departamento de Fundamento da Educação e do Programa Pós-Graduação em Educação. Doutorando em História. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0743-8000>. E-mail: [pereirameloneto@hotmail.com](mailto:pereirameloneto@hotmail.com)

*manual de orientações pedagógicas para los frailes de la Orden de Santo Domingo, en el que se fundamenta en la concepción de que el nativo tenía la racionalidad y, por lo tanto, podría ser cristianizado por los medios pacíficos, lo que era incompatible con las acciones de los colonizadores. En este artículo, el objetivo es analizar el modo como Las Casas entendía el trabajo del maestro pregonero y las características que él consideraba necesarias para que este pudiera atender a las nuevas necesidades, sobretudo, a las de la cristianización/formación y sumisión del nativo americano en aquel momento.*

**PALABRAS CLAVE:** *Bartolomé de las Casas. Maestro pregonero. Nativo. Educación por el ejemplo.*

**ABSTRACT:** *The conquest and colonization of America between the late 15<sup>th</sup> century and the beginning of the 16<sup>th</sup> have been marked by conflicts between the Old and New World. In the midst of such tensions and with the relevant participation of Bartolomé de las Casas, a type of education had to be found to introduce and catechize the American native into a supposed civilization. The Dominican friar's proposal insisted that the preacher would be the person directly responsible for the process of Christianization/formation and he should have specific features to perform his task well, namely, a good rhetoric, an exemplary life, meekness, love and sweetness. In his book *The Only Way* (c. 1550, 1942), Las Casas prepared a handbook of pedagogical guidelines for the friars of the Order of Preachers, based on the idea that the American native was endowed with reason and could be Christianized in a peaceful way, which was incompatible with the conquistadores' modes and activities. Current paper analyzes how Las Casas understood the task of the preacher and the characteristics he considered necessary to comply with the novel needs, especially Christianization/formation and the submission of the Native American at that specific instance.*

**KEYWORDS:** *Bartolomeu de las Casas. Preacher. American Native. Education by example.*

## **Introdução**

A conquista e a colonização da América, ocorridas entre 1492 e 1556, compuseram um dos eventos mais importantes da História Moderna. O contato entre o Velho Mundo e o Novo Mundo foi conflituoso e tenso, sobretudo, porque envolveu o encontro de homens muito distintos em termos de organização social, cultural e religiosa.

Com a justificativa de levar a fé cristã aos territórios descobertos e apresentando-a como missão divina, os colonizadores, em busca do ouro e de outras riquezas, invadiam as terras onde viviam os nativos e os submetiam, empregando a violência armada. O processo não se fez sem resistência, mas, pela forma diferenciada de fazer a guerra, pelas armas rudimentares com que os nativos enfrentavam as armas de fogo e até mesmo a arma bacteriológica, o resultado foi um verdadeiro genocídio.

Supondo-se superiores, os espanhóis perguntavam-se sobre a natureza dos nativos, que, não raras vezes, eram entendidos como seres irracionais e incivis. Eram homens? Tinham

capacidade de aprender? Como “civilizá-los”? Como cristianizá-los? O modo como os concebiam era o que fundamentava suas ações. Assim, considerar os nativos seres irracionais justificava a guerra desencadeada para a submissão, a cristianização e a obtenção das riquezas, a exemplo do que ocorrera na época da Reconquista, entre 718 e 1492.

No entanto, outros entendiam os nativos como seres racionais. Nessa vertente, destacou-se Bartolomeu de Las Casas<sup>3</sup>, um frei dominicano que, desde sua conversão, dedicou-se a fundamentar a defesa da racionalidade dos nativos e a propor um modo diferenciado de tratamento e de cristianização/formação desses homens.

Em 1513, depois de ouvir um sermão do dominicano Antônio de Montesinos (1475-1540), Las Casas passou a afirmar que a mensagem evangélica estava em desacordo com a violência adotada no processo de conquista e colonização, defendendo desde então a racionalidade do nativo e um modo pacífico para sua cristianização e submissão. Com uma voz dissonante, atuou de modo significativo, escrevendo tratados, cartas, opúsculos contendo apelos à coroa e denúncias dos abusos cometidos pelos colonizadores.

Em 1542, elaborou um manual de orientação pedagógica para os religiosos de sua ordem e atribuiu importância significativa ao mestre pregador, que seria o grande responsável pela cristianização e pela submissão dos nativos. Além de orientá-lo a utilizar boa oratória para atrair o nativo, ele propôs um modo de cristianização/formação fundado no amor, na doçura e na mansidão. Ao mesmo tempo, alertava para que o mestre adotasse uma “vida reta”, educando pelo exemplo.

### **O modo de cristianização/formação e o mestre pregador**

O modo de cristianização/formação proposto por Las Casas fundamentava-se na defesa da racionalidade nativa e da irmandade divina. Sendo filhos do mesmo Deus dos europeus, os nativos teriam condições racionais para assimilar e dar seu assentimento aos ensinamentos da fé. Para tanto, era necessário atrair sua vontade, dar-lhes tempo, liberdade. Por sua propensão natural para o bem, eles poderiam entender o que era proposto como digno de crença: “[...] que se convença com razões a inteligência de quem tem de ser instruído na fé e religião cristã; que por reflexão e investigação lhe pareça bom e útil aquiescer ou assentir a essa parte” (LAS CASAS, 2005, p. 67).

---

<sup>3</sup> Nasceu em Sevilla, no ano de 1474. Religioso, teólogo, bispo de Chiapas, México, era defensor dos nativos americanos. Dirigiu-se para a América em 1502, como clérigo, obtendo terras e nativos. Fez inúmeras viagens para a Espanha, sempre procurando defendê-los junto à Corte Espanhola. Decepcionado, voltou definitivamente para a Espanha em 1547, onde continuou a defender o nativo americano. Morreu em Madrid, no ano de 1566.

Em sua proposta, considerava imprescindíveis o trabalho incansável e o empenho do mestre pregador, que deveria ter atributos específicos para realizar tarefa tão difícil.

Em suas reflexões, Las Casas fundamentou-se nas *Súmula Teológica* de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), especialmente em suas discussões sobre fé e razão e sobre o processo de compreensão e de assimilação das verdades cristãs. Para Tomás de Aquino, razão e fé estavam intimamente relacionadas e se complementavam mutuamente. Por razão natural, ele entendia a capacidade pela qual o homem eleva seu espírito às verdades que precisa alcançar. Ao mesmo tempo, ponderava que, amparado apenas nessa capacidade, o homem não teria condições de atingir seus objetivos epistemológicos, ou seja, alcançar as verdades superiores, a verdade divina, devendo, portanto, requisitar a aquiescência da fé. O mesmo Deus, em sua generosidade suprema, iria ao encontro do homem, o acolheria e o ajudaria em suas limitações, criando condições para sua elevação aos domínios das verdades superiores.

Em Tomás de Aquino, a relação entre razão e fé, filosofia e teologia, não se referia apenas à caminhada do homem para Deus: abrangia a própria edificação do saber, cuja plenitude só se realizaria quando o homem chegasse às verdades supremas. Mesmo sendo instâncias distintas, filosofia e teologia eram imprescindíveis: de um lado, a conquista do conhecimento das verdades divinas indicava que o objetivo epistemológico tinha chegado a bons termos; de outro, tal objetivo não era um mero recorte especulativo, correspondia a uma vivência religiosa com a transcendência.

Considerando a afinidade entre os dois saberes, ele destaca o direcionamento da filosofia para a teologia e a relação de mutualidade entre elas, mas, na escala de importância, a teologia estaria em posição mais elevada. Dessa perspectiva, a aceitação de verdades da fé que passavam ao largo da lógica da filosofia reivindicava a efetividade da fé. Caso se satisfizesse apenas com a luz natural, o que significava a negação da fé, o sábio obstaculizaria seu caminhar epistemológico. O saber patrocinado pela teologia não divergia daquele que era assimilado por meio da razão, ou seja, ia ao encontro da filosofia. Nessa relação dinâmica entre razão e fé, nesse processo de interação, se realizaria a plenitude do conhecimento das verdades do sagrado. Portanto, a teologia se evidenciava como a última escala do exercício especulativo, mostrando o alcance da verdade divina, assim como as premissas que afixavam o saber filosófico (MELO, 2019, p. 86-87).

Com tal fundamentação, Las Casas argumentava que o processo de aprendizagem acontecia de dois modos, um, denominado de modo natural, e outro, de modo voluntário (LAS CASAS, 2005, p. 70). No primeiro, o conhecimento era movido pelo próprio objeto, que seria evidente por si ou se tornaria evidente por meio da demonstração, como ocorria com

a ciência. No segundo, denominado por ele de voluntário, a inteligência daria seu assentimento não porque fosse movida pelo próprio objeto, mas porque, por opção, se inclinaria voluntariamente para a aprendizagem. É nesse segundo modo que o dominicano enquadra os conhecimentos da fé cristã.

Como o objeto de conhecimento não era evidente por si, o mestre pregador teria que atrair a vontade do nativo, o que faria com que a inteligência se determinasse a aceitá-lo, mesmo que não o reconhecesse como evidente. É por isso que os homens, inclusive os nativos, por terem as condições de, voluntariamente e de propósito, raciocinar sobre as verdades apresentadas, deveriam, segundo o dominicano, ser considerados racionais (LAS CASAS, 2005). O mestre pregador era responsável por ativar essa vontade de crer:

O homem, pois, precisa de alguém que o ative, um guia ou pregador que do exterior o leve a crer por meio da instrução, da apresentação ou desenvolvimento das verdades dignas de fé; e com raciocínios fundados, com exemplos, com semelhanças, como que apontando com o dedo e quase descrevendo e imprimindo na mente aquilo em que convém crer (LAS CASAS, 2005, p. 87).

Para reafirmar a importância do mestre pregador, ele argumentava que Deus poderia se bastar, mas preferiu contar com os homens para a missão de evangelização:

[...] poderia bastar, se Deus quisesse; no entanto, por lei comum, ao menos se tratando de adultos, se requer necessariamente o ensinamento exterior, a instrução, a narração, a exposição, a explanação ou explicação daquilo em que se tem de crer, para que todo adulto receba a fé e consiga a salvação (LAS CASAS, 2005, p. 87).

Tendo recebido a instrução e a apresentação das coisas da fé, os nativos raciocinariam e dariam seu assentimento; entenderiam que se tratava da própria verdade, que, segundo o dominicano, era Deus. Por sua propensão natural ao bem, os nativos entenderiam que o proposto lhes era bom e agradável e por isso desejado e aceitável. Nessa formulação, está implícita a concepção do nativo como bom selvagem. Ou seja, Las Casas compartilhava a visão mítica do homem americano, divulgada na Europa nos primeiros tempos das descobertas. Aos povos encontrados nessas terras era atribuído todo tipo de bondade, de ingenuidade, de pureza.

O conceito aparece nos escritos de viagem de Cristóvão Colombo (1451-1506), que afirmava que o descobridor havia encontrado o “paraíso terrestre”. Ganhou sistematização e popularização, supostamente, com o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que, em seu livro *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*,

defendia uma humanidade naturalmente boa, que se modificaria/desvirtuaria com o processo civilizatório.

Na *Brevíssima Relação da Destruição das Índias*, Las Casas também contribuiu para a propagação desse conceito no imaginário europeu, o que oportunizou um amplo debate nas Cortes Espanholas sobre a natureza do nativo americano, tendo em vista justificar a prática conquistadora/exploradora da América e definir leis que norteariam o processo.

No debate, Las Casas passou a defender a ideia de que, sendo tratado com brandura e mansidão, o nativo seria docilizado, aceitaria as novas condições e se submeteria com mais facilidade a elas.

O mestre pregador deveria atrair a vontade dos nativos, apresentando-lhes os ensinamentos religiosos de modo amável, manso, brando. Ou seja, dentre os meios adotados pelos missionários para atrair o nativo, estava o de cativar sua simpatia por meio do carinho (BORGES, 1992, p. 574). Com esse objetivo, Las Casas dividia a essência da pregação em cinco partes.

Fundamentando-se em São João Crisóstomo<sup>4</sup>, ele explica a primeira: “[...] é que os ouvintes, principalmente os infiéis, vejam que os pregadores da fé não têm nenhuma intenção de adquirir domínio sobre eles com a pregação” (LAS CASAS, 2005, p. 159). Ou seja, os pregadores não poderiam deixar que os ouvintes percebessem a intenção de domínio, caso contrário, rejeitariam os pregadores.

A segunda parte consistia em deixar evidente aos ouvintes, principalmente aos infiéis, que a ambição de ter não movia os apóstolos (LAS CASAS, 2005, p. 159). Assim, aconselhava os mestres a renunciar à ambição de ter, pois isso seria um empecilho para atrair a vontade dos nativos.

A terceira e a quarta partes referem-se ao tratamento a ser dado pelos mestres pregadores. Contrário à guerra, ele entendia que a forma pacífica é que deveria ser adotada para o convencimento dos nativos e sua possível dominação.

A terceira parte consiste em que os pregadores se comportem de tal maneira que sejam dóceis e humildes, afáveis e tranquilos, amáveis e benévolos ao falar e conversar com seus ouvintes, especialmente com os fiéis (LAS CASAS, 2005, p. 160).

A quarta parte da forma de pregar, mais necessária que as outras, ao menos para que a pregação seja proveitosa ao pregador, claramente se colige de tudo isso. Ela é o amor de caridade com que Paulo acolhia todos os homens do mundo para que fossem salvos (LAS CASAS, 2005, p. 162).

<sup>4</sup> João Crisóstomo (347-407), bispo de Constantinopla, foi um dos importantes representantes do cristianismo primitivo.

Para explicar a quinta parte, que seria a do exemplo, ele reiterava que não bastavam as atitudes de mansidão, amor, brandura e caridade:

Já se evidencia com clareza que a quinta parte da forma de pregar o evangelho, a saber, uma vida exemplar resplandecente por obras de virtude, e sem ofensa de ninguém, totalmente correta, por todos os lados. Pois quem ensina deve ser exemplo de suas palavras (LAS CASAS, 2005, p. 165).

Argumentando que os espanhóis haviam sido escolhidos pela “Divina providência” para levar a fé cristã aos que ainda não a conheciam, já que os nativos buscavam meios diversos de resistência, afirmava que os nativos se atraíam pelo modo como os religiosos viviam, por suas virtudes e obras religiosas e buscariam imitá-los:

Esta quinta parte é a vida justa, irrepreensível, exemplar e santa com a qual deve brilhar aquele que reconhece ter recebido a missão de anunciar o Evangelho e se considera o enviado para iluminar os povos. Vida justa, isto é, sem queixa de ninguém, nem ofensa, mas sim convivendo com todos simplesmente, não dando motivo a que ninguém se queixe do pregador. Santa, como anjos entre os homens, e, mais ainda, quase como deuses descidos do céu, que desprezam o mundano e o transitório, considerando-os esterco. Não desejam acumular nem ouro, nem prata, nem domínio ou primazia sobre os outros, nem glória humana ou riqueza. Ao contrário, mostram-se todos moderados, pacíficos, modestos, humildes, pacientes, puros, honestos e espirituais, pois sua intenção primordial é tratar de coisas celestes mais do que terrestres (LAS CASAS, 2005, p. 248).

Enfim, considerava que os nativos precisavam ser convencidos de que os religiosos não estavam em busca de riquezas terrenas, mas que, tendo uma vida voltada para a santidade, tinham como único objetivo trazer-lhes a fé e os ensinamentos cristãos.

Pois, quando virem que eles rejeitam todas as coisas presentes, que estão preparados para os prêmios futuros e adornados com as outras ações e virtudes, muito acima de todo o sermão, hão de crer em suas ações e serão atraídos à verdade, aproximando-se deles com gosto, embora tivessem a ferocidade dos animais selvagens (LAS CASAS, 2005, p. 248).

Ao propor “una educación primera no con palabras y las doctrinas, sino con el ejemplo de vida, sin ésta sería inútil todo intento pedagógico” (MORENO, 1976, p. 162), Las Casas evidencia que o nativo precisava diferenciar os religiosos dos colonizadores. Ao passo que estes invadiam e guerreavam em busca do ouro, os religiosos deveriam renunciar à riqueza e convencer pelo exemplo e pela brandura. A incessante batalha dos espanhóis pelo ouro, que os distanciava do propósito de cristianização dos nativos, dificultava o trabalho dos religiosos, gerando inúmeros conflitos entre as duas partes. Em suas ações e seus modos de vida, os

religiosos deveriam ser contrários às atitudes dos colonizadores, comportando-se como ovelhas entre lobos:

É a condição da ovelha sofrer males, não causá-los; e assim, os pregadores do Evangelho não farão mal a ninguém. Apenas com sua mansidão, tolerarão e vencerão as fraquezas e perseguições alheias, como fica exposto (LAS CASAS, 2005, p. 134).

Como ovelhas, declara, vos envio no meio de lobos, o que quer dizer, não vos envio com poder de armas para que com a violência submetais as nações à vossa doutrina [...]. Apenas vos envio como ovelhas entre lobos; ou seja, como quem não ferirá ninguém, e nem é capaz de ferir; envio-vos de forma que possais sofrer a injúria de qualquer um. E ensina e preserve suficientemente a mansidão, pelo fato de que aduz a semelhança da ovelha e da pomba; eu, insiste Cristo, vos envio como ovelhas...e sede simples como pombas (LAS CASAS, 2005, p. 136).

Convivendo de modo conflituoso com os colonizadores, disputando com eles o tempo do nativo, os religiosos, com “vida reta”, amáveis e com suavidade, conquistariam o ânimo dos nativos, que os aceitariam e se tornariam os novos crentes, os novos cristãos (LAS CASAS, 2005, p. 95).

Além do bom tratamento e da “vida reta”, era preciso prever um intervalo de tempo para a cristianização. Era necessário agir, sem pressa, com ensinamentos paulatinos e não com a rapidez que comumente ocorria: não bastava aspergir a água do batismo para considerá-los convertidos.

É necessário, portanto, que quem se proponha a atrair os homens à fé e à verdadeira religião, que não estão ao alcance das forças naturais, use desta arte: com a maior frequência possível, proponha, explique, distinga, fundamente, repita o que pertence à fé e à religião. Igualmente induza, persuada, peça, suplique, convide, atraia, guie os que deve conduzir à fé e à religião até que, pela frequência da apresentação, da manifestação, da pregação, da tematização da doutrina, das explicações das verdades dignas de fé, com rogos, súplicas, estímulos, convites, afagos, orientações, com esses atos tão reiterados, sejam gerados no coração dos ouvintes, pouco a pouco, um certo vigor e disposição ou grato costume ou hábito, que cause uma inclinação quase que natural (LAS CASAS, 2005, p. 98).

Além da repetição constante, dos exemplos de vida e das ações brandas e amorosas, para convencer os nativos era fundamental que o mestre pregador dominasse a boa oratória.

### **O recurso da retórica na comunicação da fé**

Para mostrar que mestre pregador necessitava da arte da boa oratória, Las Casas se fundamentava em Cícero (106-43 a.C.) e em Santo Agostinho (354-430):

O pregador, que tem por ofício ensinar e atrair os homens à fé verdadeira e à religião cristã, tem de cultivar, ainda mais que os retóricos e os oradores, a arte e as regras da oratória para tornar benévolos, atentos e dóceis os seus ouvintes, pois o que a fé ensina é matéria da maior excelência que ultrapassa toda faculdade da natureza. E a norma retórica ensina que há de se mostrar benevolência, atrair os ouvintes, ensinar, deleitar e afeiçoar pela suavidade da voz, mansidão e delicadeza plácida das palavras. O que se resume em persuadir o entendimento com razões e atrair suavemente a vontade [...] (LAS CASAS, 2005, p. 214).

O mestre pregador precisava também dominar as línguas nativas. Sem desconhecer as dificuldades, Las Casas considerava que isso seria fundamental para que o processo de cristianização acontecesse. Tal preocupação se justificava pela multiplicidade linguística que pontilhava na Nova Espanha (México) nos primeiros tempos da conquista e da colonização.

Para clarificarmos esse problema linguístico, basta lembrarmos que apenas no espaço que hoje ocupa o México, os estudos desenvolvidos por Hermenegildo Zamora apontam que se falavam, até o século XVI, mais de 63 idiomas hoje perdidos, além de outros 51 que tiveram a classificação por parte de estudiosos. Com isso, somam-se 114 diferentes manifestações linguísticas. Acrescentemos a isso a existência de mais de 70 dialetos desenvolvidos a partir dessas 51 línguas classificadas, e, ainda, mais um número impreciso das línguas que foram desaparecendo à medida que foram sendo disseminadas as famílias que a elas deram origem (PEREIRA MELO; FERNANDES GOMES, 2012, p. 93).

A dificuldade no processo de comunicação-interação entre religiosos e nativos exigia dedicação e persistência. Assim, aprendendo a língua dos nativos, os missionários poderiam levar os segundos a entender os ensinamentos cristãos (BORGES, 1960).

Segundo Las Casas, que se amparou nas reflexões de Cícero, com essas duas formas de comunicação os religiosos conseguiriam o acolhimento do auditório. Por essa razão, declara: “[...] quem quer induzir ou comover seus ouvintes ao que tem em mente, necessita, em primeiro lugar, ter o ânimo deles a seu favor, de modo a se tornarem todos benévolos, atentos e dóceis” (LAS CASAS, 2005, p. 78). Em *Do orador*, Livro II, Cícero (2002, p. 238) afirma: “[...] en efecto, quieren que se comience de tal modo que logremos hacer al auditorio bien dispuesto para nosotros, receptivo y atento”.

Assim, para conquistar os ouvintes, o mestre pregador deveria usar de veracidade, de simplicidade e de brevidade em sua apresentação e argumentação. Tais valores eram essenciais para envolver a plateia, tocar o coração e a sensibilidade dos nativos, atraindo sua simpatia e credibilidade.

“[...] y hay que hacer uso de seriedad en todos los pensamientos y de ponderación en todas las expresiones. Es conveniente, además, una ejecución del discurso variada, apasionada, llena de empuje, llena de aliento, llena de pasión, llena de auténtica realidade” (BORGES, 1992, p. 574).

Las Casas afirmava que os evangelizadores americanos tinham consciência de que os nativos poderiam estender aos missionários seu desafeto pelos colonizadores e de que não prestariam atenção aos ensinamentos se primeiro não lhes fosse dado afeto. Fica evidente, nessa afirmação, a influência de Cícero (2002, p. 254): “probar que es verdad lo que defendemos, conciliar la simpatía de nuestro auditorio y ser capaces de llevarlos a cualquier estado de ánimo que la causa pueda exigir”.

Da perspectiva do filósofo romano, o orador de excelência tem como qualidades: a dignidade, que reflete seu próprio modo de viver, a clara firmeza, resultado das lutas travadas ao longo de sua caminhada, e a justa medida, que não comporta excessos nas avaliações pessoais, quer em termos de dignificação quer de condescendência. A dignidade não é desvinculada do sentimento de paixão ou de amor pelo conhecimento. Cabe ao orador adquirir potencial para, em uma seleção contínua, aperfeiçoar as qualidades que lhe são conferidas e desejadas em sua função. Cícero elenca, como qualidades do orador, a dignidade, a paixão, a vontade, a autoridade e o acolhimento daquilo que representa os limites que o particularizam.

Segundo Cícero, tanto na elaboração do discurso quanto na *pronuntiatio*, o orador deve ter em conta três objetivos: ensinar, comover e deleitar. Nessa peroração, fica evidente que, para ele, na ação discursiva, razão e sentimento mantêm relação de afinidade. No entanto, ele esboça um escalonamento hierárquico, dando prioridade ao conhecimento em relação à emoção e ao ornato, e afirma que essas três dimensões, quaisquer que sejam os marcos retóricos, independentemente desta ou daquela opção, fazem parte da dinâmica que movimenta a arte oratória. Caso se ensine sem deleitar; caso se deleite sem ensinar ou sem comover, o desempenho retórico estará fadado ao fracasso (FERNÁNDEZ, 1995, 2018, p. 34-41).

Essas reflexões reverberam na argumentação de Las Casas:

[...] tem de ser [...] antes de qualquer coisa, apropriado para comover o ânimo do auditório àquilo que desejamos. A esse respeito, convirá que o orador ou quem está a serviço de uma causa – segundo Túlio – procure: começar com acerto, narrar com lucidez, recapitular com vigor, combater com valentia, desenvolver com profundidade, pronunciar com clareza e sustentar com firmeza. Enfim, ensinar, deleitar e comover. A tarefa dos

oradores abarca tudo isso. É o que ensina Cícero (LAS CASAS, 2005, p. 79).

Reverberam também em sua afirmativa de que, com voz agradável, semblante modesto, mansidão, tranquilidade, delicadeza, o mestre conquistaria o ânimo dos nativos:

Um dos primeiros preceitos da retórica é ganhar a simpatia da assembleia com o exórdio. Conquista-se isso com voz agradável, com a expressão de um semblante modesto, mostrando mansidão, tranquila delicadeza nas palavras; tudo isso atrai sobremaneira a benevolência dos ouvintes [...] o pregador da verdade e mestre da fé, ao se dispor a ensinar os que procura induzir e estimular à fé e à religião, precisa, mais que nenhum outro, conquistar, antes de tudo o ânimo dos ouvintes – especialmente daqueles que tenham sido convidados à fé pela primeira vez, ou seja, os infieis – com a suavidade da voz, com a serenidade e a grata expressão do semblante, com mostras de mansidão, com tranquila delicadeza nas palavras, com o ensinamento e a persuasão amáveis, com agradável boa vontade e, enfim, que ensine, deleite e comova (LAS CASAS, 2005, p. 79).

Las Casas também buscou amparo em *Da Doutrina Cristã* de Santo Agostinho, refletindo sobre uma ação discursiva que levaria ao convencimento do ânimo dos ouvintes:

Santo Agostinho entende também que o mestre ou pregador da verdade, ou quem tenha o encargo de ensinar e de atrair os homens à fé e à religião cristã, deve conquistar o ânimo de seus ouvintes, torná-los bem dispostos, ensinar, deleitar e convencer os dóceis atentos. Isso demonstra que o modo de ensinar, convidar e atrair os homens à reta fé e à verdadeira religião tem necessariamente de persuadir o entendimento com razões e atrair com suavidade e incitar docemente a vontade (LAS CASAS, 2005, p. 80).

No livro IV *Da Doutrina Cristã*, Santo Agostinho aborda a melhor forma de ensinar as verdades do cristianismo, os objetivos, as finalidades e as conformidades do orador sacro, além da melhor maneira de usar os estilos da retórica clássica. Atribuindo mais importância à sabedoria do que à eloquência, o que remete ao *Logos-Verbum* divino, ele afirma que não cabe à retórica qualquer tipo de criação da verdade, pois sua função é transmitir a sabedoria impressa nos textos sagrados (PERENCINI, 2014, p. 88-95). Afirma, referindo-se a Cícero: “Disse certo orador – e disse a verdade – que é preciso falar ‘de maneira a instruir, agradar e convencer’ – Depois acrescentou – ‘Instruir é uma necessidade, agradar, um prazer, convencer, uma vitória’” (AGOSTINHO, 2002, p. 141).

Não podemos desconsiderar a mudança candente que Santo Agostinho propôs para a oratória cristã. Ao orador sacro, que deveria usar um estilo simples, não cabia ensinar, demonstrar, provar, pois não era necessário ensinar, demonstrar ou provar o que se constitui como verdade. Cabia-lhe, sim, instruir aqueles que estavam em falta com a verdade, ou seja,

seus ensinamentos tinham por fim instruir. O estilo médio poderia ser utilizado desde que o ornamento não fosse contrário à verdade que constitui a palavra de Deus. Esse estilo, desde que em consonância com as verdades contidas nos textos sagrados, devia ser a preocupação do orador: “agradar para cativar” e engrandecer a doutrina. Por último, por meio do estilo sublime, o orador sacro poderia sensibilizar e converter sua plateia, caso a instrução associada à beleza da expressão não tenha alcançado seus objetivos (PERENCINI, 2014, p. 92).

A forma de catequização e de explicação das coisas da fé deveria atingir o homem em sua vivência, de maneira fraterna e por meio das boas práticas cristãs:

[...] de maneira que los oyentes percibieran con nitidez lo que se les enseñaba, para lo cual se debían valer los más posible de comparaciones o semejanzas tomadas de la vida diária de los indigenas. Afirmativa, en el sentido de aseverar con autoridad y firmeza, excluyendo toda sensación de inseguridad [...] afectuosa, en el sentido de hablar a los oyentes con cariño, como los padres a los hijos (SARANYANA, 1992, p. 568).

As solenidades também correspondiam ao objetivo de gerar gradativamente a autoridade do cristianismo. Promover um espetáculo solene de convencimento por meio de imagens, de posturas e de sons dava sobriedade, autoridade e poder diante dos nativos. Sua função era suscitar o apreço dos nativos pela nova religião. Era comum a prática de beijar as mãos nas solenidades de inauguração dos povoados e nas comemorações e festividades religiosas, inclusive na própria catequese oferecida aos nativos. Utilizando-se desses recursos, praticando certas condutas e evitando certos atos, os missionários ganhariam e conservariam o prestígio junto aos nativos (BORGES, 1992, p. 588).

Em seus projetos de *poblados*, o dominicano tinha proposto castigos físicos para os nativos que não aceitassem os novos costumes religiosos. No entanto, em seu manual pedagógico, ele não manteve esse argumento e se posicionou contrariamente a esses castigos:

Mas se o pregador do Evangelho castiga e aterroriza seus ouvintes, principalmente aqueles que por primeira vez cruzam as portas da Igreja, e recorre a asperezas, açoites, cárceres, e outros pavores e aflições diante de qualquer classe de pecados, seus discípulos logicamente se encherão de angústia, dor, temor, tristeza, ódio, ira e indignação contra quem os açoitou e castigou, ou seja, contra os pregadores (LAS CASAS, 2005, p. 298).

Em lugar da prática dos castigos físicos, longe da dor, dos castigos e das perturbações, a persuasão seria obtida pela brandura, pelo amor e pela mansidão (LAS CASAS, 2005, p. 92).

Por fim, cabe destacar que, nesse apelo aos mestres e pregadores que se propunham ao trabalho de cristianização/formação dos nativos, ele ponderava: mesmo que o trabalho dos pregadores não fosse reconhecido ou não obtivesse frutos, “a condenação não será imputada aos pregadores, mas sim aos seus opositores recalcitrantes. Sua recompensa lhes está reservada em lugar seguro, e a esperança sempre os haverá de consolar” (LAS CASAS, 2005, p. 302).

### **Considerações finais**

Las Casas foi uma voz dissonante ao propor uma alternativa para o processo de conquista, colonização e cristianização dos nativos. Esse posicionamento correspondeu ao momento histórico do padroado, quando se pregava a união da Igreja com a Coroa. Buscando dar respostas para os conflitos de seu tempo, ele defendeu a racionalidade do nativo e atribuiu a tarefa de cristianização/formação ao mestre pregador, que, diferentemente do que era comum e aceito na Espanha, deveria se adequar às novas necessidades e à natureza do nativo.

Sua resposta foi amparada em clássicos da Antiguidade e da Medievalidade, como Cícero, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, os quais, independentemente das diferenças de tempo, espaço e cultura ou de objetivos, teorizaram sobre a importância da formação do mestre pregador. Assim, ele idealizou as ações do mestre pregador no processo de cristianização, atribuindo-lhe responsabilidade e papel social para com a plateia. Com ações específicas, boa oratória, vida exemplar, este seria o agente principal na condução do processo em terras americanas, apresentando-se com um diferencial em relação aos demais colonizadores.

Cabe considerar, portanto, que Las Casas não rompeu com o processo colonizador desencadeado pela Coroa Espanhola; pelo contrário, em consonância com o espírito de seu tempo, tentou viabilizar um novo modelo de submissão e, portanto, de exploração dos nativos. A diferença estava no método de obtenção dessa subjugação. Conquistando os nativos, os mestres pregadores garantiriam não apenas o domínio religioso, mas também o domínio político, ou seja, o domínio da Coroa Espanhola.

### **REFERÊNCIAS**

AGOSTINHO. **Da doutrina cristã**: Manual da exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002.

AQUINO, T. **Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990.

BORGES, P. Métodos de persuasion. *In*: BORGES, P. (org.). **Historia de la Iglesia en Hispanoamérica y Filipinas (Siglos XV-XIX)**. Madrid: BAC, 1992.

BORGES, P. **Métodos misionales en la cristianización en América – siglo XVI**. Madrid: Missionalia Hispanica, 1960.

FERNÁNDEZ, R. O. **La música secreta del ritmo Cicerón, Quintiliano y J. S. Bach**. 2018. Tesis (Doctoral) - Universidad Complutense de Madrid, Departamento de Musicología, Madrid, 2018.

LAS CASAS, B. **Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião**. Obras Completas. Tradução: Noelia Gigli; Hélio Lucas. São Paulo: Paulus, 2005.

MELO, M. C. S. A complementaridade entre filosofia e teologia no pensamento de Tomás de Aquino. **Revista Ideação**, v. 1, n. 40, p. 73-88, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/4419>. Acesso em: 10 out. 2021.

MORENO, R-J. Q. **El pensamiento filosófico-político de Bartolomeu de las Casas**. Sevilla: Escuela de estudios hispano-americanos de Sevilla, 1976.

PEREIRA MELO, J. J.; FERNANDES GOMES, R. W. A educação Franciscana na América: o caso mexicano. *In*: TOLEDO, C. A. A.; RIBAS, M. A. A. B.; SKALINSKI JUNIOR, O. (org.). **Origens da educação escolar no Brasil Colonial**. Maringá: Eduem, 2012.

PERENCINI, T. B. Notas sobre a relação eloquência-sabedoria no livro IV do De Doctrina Christiana de Agostinho. **Revista Em Curso**, São Carlos: v. 1, n. 1, p. 88-95, 2014. Disponível em: <https://www.emcurso.ufscar.br/index.php/emcurso/article/view/8>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SARANYANA, J-I. Métodos de catequización. *In*: BORGES, P. (org.). **Historia de la Iglesia en Hispanoamérica y Filipinas (Siglos XV-XIX)**. Madrid: BAC, 1992. p. 549-572.

### Como referenciar este artigo

SANTOS, C. A.; MELO, J. J. P. Bartolomeu de Las Casas: A arte da oratória e a educação pelo exemplo. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 7, n. 2, p. 1148-1161, abr./jun. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i2.14600>

**Submetido em:** 30/12/2020

**Revisões requeridas em:** 22/01/2021

**Aprovado em:** 18/02/2022

**Publicado em:** 01/04/2022